

O corpo clonado da contemporaneidade

Maristela Fittipaldi*

RESUMO

A tentativa de dominar, domesticar e moldar o corpo é antiga. À super valorização da perfeição do corpo físico, ao esquecimento do corpo espiritual, à tecnologização do corpo sensível, ao esvaziamento do caráter comunitário do corpo social, à virtualização do corpo real se soma uma nova questão: o anúncio da clonagem da ovelha Dolly e a polêmica possibilidade de aplicação da técnica da clonagem em seres humanos. Este artigo busca discutir essas questões situando-as na contemporaneidade.

Palavras-chave: comunicação, ética, corpo, clonagem

ABSTRACT

The trial of dominating the body is ancient. To the supervalorization of physical body, to the forgetfulness of spiritual body, to the tecnologization of sensible body, to the emptying of the community character of social body, to the the virtualization of real body we add a new question: the cloning of Dolly, the sheep, and the polemic possibility of application of cloning technique in human being. This article tries to discuss these questions in contemporary time.

Keywords: communication, ethics, body, cloning

RESUMEN

La tentativa de dominar el cuerpo es muy antigua. A la supervaloración de la perfección del cuerpo físico, al olvidamiento del cuerpo sensible, al olvidamiento del carácter comunitario del cuerpo social, a la virtualización del cuerpo real se acrecenta una nueva cuestión: el clonaje de Dolly y la polémica posibilidad de aplicación de la técnica en seres humanos. Ese artículo intenta discutir esas cuestiones en la contemporaneidad.

Palabras clave: comunicación, ética, cuerpo, clonaje

Não é de hoje que o homem tenta dominar, domesticar e moldar o corpo, seja ele de que natureza for: o corpo físico, o corpo espiritual, o corpo sensível, o corpo social, o corpo real. Mas como se já não bastassem estes tempos confusos em que vivemos – de super valorização da perfeição do corpo físico, de esquecimento do corpo espiritual, de tecnologização do corpo sensível, de esvaziamento do caráter comunitário do corpo social, de virtualização do corpo real – uma nova questão vem se somar a tantas outras que nossa própria trajetória como humanidade tem atirado a nossos pés. O anúncio da clonagem da ovelha Dolly e, desde então, a polêmica possibilidade de aplicação da técnica da clonagem em seres humanos – e o misto de deslumbramento e pânico que suas conseqüências e sua possível banalização trazem em seu bojo – enseja, entre tantas outras, uma reflexão inescapável: que eticidade (ou melhor, que valores) sustenta este desejo de replicar a si mesmo, de duplicar o corpo físico do homem?

Centro da biologia atualmente, a genética teve início no século XIX com os estudos celulares de Mendel. Pouco mais de um século foi necessário para que as biociências se firmassem como ramo dominante do conhecimento, prometendo evoluções sobre a reprodução humana, a engenharia genética, o projeto de decodificação do genoma humano, a possibilidade de reconstruirmos espécies extintas, numa versão concreta do filme *O parque dos dinossauros*. Enfim, um domínio absoluto do ser humano não só sobre seu próprio corpo, mas também sobre o corpo dos outros seres. Destas, poucas áreas da ciência causaram impacto tão profundo na sociedade nos último 20 anos quanto a manipulação genética. Seus

métodos têm dado a milhares de casais estéreis a chance de ter filhos. Mas também vêm esquentando a discussão sobre os limites éticos da arte de criar bebês e manipular o corpo humano. Na maior parte das vezes, a ciência e os avanços biotecnológicos têm andado mais rápido que a capacidade imediata da sociedade de discutir o assunto e lidar com suas consequências práticas, sociais e éticas. Pois as sempre presentes questões sobre a ética e os caminhos da evolução científica ganharam combustível extra com a alardeada possibilidade de criação de clones humanos.

Há sinais de que os avanços nesta área não irão parar. Uma americana deu à luz uma criança concebida com espermatozóide coletado um dia após a morte do pai; um geneticista americano anunciou que já existe tecnologia capaz de dar a casais homossexuais filhos de seu próprio sangue (os chamados bebês quimeras, feitos com a combinação de dois embriões diferentes); uma empresa de biotecnologia americana admitiu clonar embriões humanos para pesquisas de produção de órgãos; cientistas da Coreia do Sul anunciaram a clonagem de uma célula humana a partir de material genético de uma mulher adulta e, embora haja desconfiança sobre a veracidade do feito, a possibilidade é menos improvável do que parece. Em 2002, a empresa Clonaid anunciou o nascimento de uma menina chamada Eva, o primeiro clone humano. Dois outros clones teriam nascido depois disso, mas nada foi comprovado. Pesquisadores também já vêm realizando testes para conseguir células de cada tipo de tecido e órgão humanos a partir de culturas de células mães embrionárias. São células existentes nas primeiras etapas de formação de um embrião e que

originam todos os órgãos e tecidos do corpo humano. Em laboratório, elas poderiam ser estimuladas a formar, por exemplo, células do fígado, do coração e do cérebro. A alegação dos médicos é de que os embriões que desenvolvem não podem ser considerados seres humanos porque aos dez dias, quando são destruídos, ainda não apresentam os primeiros sinais de formação do sistema nervoso.

Como o desenvolvimento de órgãos para transplantes promete ser um negócio lucrativo - empresas financiadoras enxergam neste filão da clonagem um mercado mundial de US\$ 6 bilhões anuais, pronto para crescer - um número cada vez maior de empresas têm se arriscado a quebrar limites éticos. Os laboratórios garantem que a intenção das pesquisas não é a clonagem de bebês e que a maior parte da programação é dedicada à clonagem de órgãos para transplantes e de animais transgênicos para produção de proteínas humanas (se clonados em série, poderiam funcionar como fábricas vivas de remédios). Seja como for, está estabelecida uma verdadeira queda de braço não só com a Igreja (além das já conhecidas e contundentes críticas ao método, religiosos perguntam o que seria feito dos clones dos quais fossem extraídos órgãos para transplantes) e com entidades de Defesa dos Animais e da Vida em todo o mundo, que têm levantado questões que merecem reflexão. Quem disse que o homem pode sacrificar e criar monstros mutantes para seu benefício? A possibilidade de clonar animais ameaçados de extinção também tem sido apontada como uma das vantagens da técnica da clonagem. Mas quem, afinal, os colocou sob ameaça?

Ética em discussão

Não são poucas, evidentemente, as discussões que todos estes procedimentos suscitam. A bioética - palavra que se traduz, literalmente, como ética da vida - surge justamente para tentar dar respostas aos novos dilemas e desafios que a ciência e o avanço das tecnologias biomédicas têm colocado diante do homem e discutir situações limite do desenvolvimento científico (como inseminação artificial *in vitro*, clonagem, experimentos em seres humanos, eutanásia, controle do genoma e aborto), num esforço para enquadrar em categorias éticas todas as imensas possibilidades de a ciência interferir no corpo humano. A própria clonagem, esta técnica reprodutiva que vem gerando fervorosas discussões desde que foi anunciada, pode ser debatida sobre diversos aspectos (que não cabe neste artigo apreciar). Mas além de evidenciar uma vez mais que ciência e tecnologia vêm, de fato, invadindo todo o corpo social, inclusive o corpo do homem, sua simples possibilidade coloca - ou deveria colocar - no centro da discussão a maneira como o ser humano vem lidando com sua própria existência não só corpórea, mas também (ou principalmente) afetiva - facetas apenas supostas, artificial e aparentemente separadas ou opostas. O que a polêmica em torno da clonagem deveria servir é de estopim para profundas reflexões não só sobre a ciência, mas sobre a própria ética. A clonagem envolve questionamentos filosóficos que o homem deveria ter interesse em aprofundar, uma vez que cria desafios éticos cuja resposta depende, acima de tudo, dos valores que estamos prezando - como indivíduos membros de uma sociedade civilizada - e

mostra que, no fundo, o que esta questão nos coloca é uma decisão sobre o sentido da existência. A ética, afinal, como salienta Sodré (in KOSOVSKI, 1995, p. 53), “é de fato uma ontologia, uma teoria do ser que, no interior da Filosofia, indaga sobre as finalidades da existência humana e sobre os meios de atingi-la”.

Há, portanto, um simbolismo evidente em experiências genéticas como esta, que revelam uma determinada concepção sobre o homem e sobre a humanidade e nos ajudam a refletir sobre nosso modo de pensar sobre nós mesmos e o mundo e a desvendar o modo de ser do pensamento contemporâneo. A clonagem funciona, assim, como uma figura empírica da ontologia do presente, uma metáfora para pensar a sociedade, suas transformações, novas práticas sociais e inevitáveis consequências éticas. E aqui interessa menos a questão religiosa ou moral da clonagem do que sua dimensão simbólica, seu caráter de espelho, que reflete uma cisão desenhada ao longo da história ocidental e exacerbada na Modernidade, entre filosofia e ciência - em que ética e técnica passam a caminhar paralelamente e em que sedimenta-se a ruptura entre natureza e cultura, corpo e mente, razão e emoção e todas as demais polarizações arrastadas no bojo desta separação. O resultado não poderia ser outro: hoje, técnicas como a clonagem não só demandam uma ética que as regule, mas, no fundo, são emblemas desta cultura que acirrou a separação entre os universos científico e filosófico (ou humanístico) e nos colocou neste impasse em que vivemos, neste mundo (quase) sem limites.

Os avanços tecnológicos, evidentemente, hão de oferecer sempre novos desafios de natureza ética,

no campo da vida, com enorme repercussão na sociedade. Até porque, toda solução traz novas questões. A ciência pode ir a qualquer lugar. A sociedade é que deve dizer que lugar será esse. Mais que os dilemas da ética médica diante de tais avanços, porém, talvez a reflexão sobre a clonagem nos permita refletir sobre os desafios da ética humana, já que traz à tona a questão da natureza da sociedade e sua escala de valores. Reflexões éticas de pouco adiantam se não formos capazes de enxergar - e questionar - os valores que estas novas técnicas revelam e sedimentam. Os dilemas éticos com os quais a ciência hoje se defronta resultam, afinal, das doutrinas do desenvolvimento a qualquer custo; do avanço tecnológico a qualquer preço; da manutenção das aparências, do acúmulo e do consumo de coisas e pessoas. O que é a corrida das empresas para patentear a clonagem, inclusive humana, se não reflexo de uma cultura que supervaloriza – ou valoriza apenas - o lucro, o dinheiro, a novidade? Não é exatamente por estar atrás de bons negócios que a indústria dos clones desafia a ética? Pois enquanto esses forem os valores que alimentarmos e deixarmos como herança, não haverá ética capaz guiar a humanidade para outra possibilidade de existência. A reflexão em torno da bioética, por isso mesmo, vai além do binômio ética-ciência: ela coloca em cena a relação ética e cidadania, ética e subjetividade, ética e corpo.

Realizada ou não, bem sucedida ou não, justificada pela vontade de produzir órgãos para transplante ou ajudar no combate a doenças como o mal de Alzheimer (como alegam alguns defensores da clonagem humana para fins terapêuticos), a simples possibilidade de

utilização da técnica dos clones em pessoas revela, inclusive, como estamos lidando com a questão do corpo e que significado estamos atribuindo a este significante. Na sociedade do espetáculo, das aparências, do acúmulo, das formas perfeitas, do consumo de coisas e pessoas, afinal, o corpo não pode envelhecer, adoecer ou sofrer os efeitos do tempo. Nem por fora – é o “corpo-espetáculo”, malhado, lipoaspirado, turbinado, siliconado, operado – nem por dentro – é o corpo replicado, inteiro ou parcialmente clonado, xerocado, substituído por outro, revivido em seu DNA. Mas ninguém – a não ser os que desejam se enganar – acredita na ilusão de que um possível clone de alguém seria sua cópia fiel ou perfeita. Ainda que não fosse pela própria falibilidade que o método da clonagem ainda apresenta – a ovelha Dolly, o único mamífero comprovadamente clonado a partir de uma célula não reprodutiva de um animal adulto, precisou ser sacrificado porque envelheceu precocemente – que fosse pela certeza de que não apenas o genótipo, mas também o fenótipo e o ambiente influenciam naquilo que um indivíduo é. Ocorre que, como lembra MARTINS (1997, p. 2), a genética contemporânea divulgada pela mídia acredita que o essencial de um indivíduo se encontra nos genes, como se o genótipo contivesse sua alma. Integrante do corpo docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Medicina), Fátima Oliveira nos ajuda a compreender esta crença:

É uma regra elementar da genética que o ambiente e os genomas são interdependentes e é impossível dizer qual é o mais importante. A diversidade é a norma da

natureza viva. Considerando-se o rigor científico, é indispensável saber que o paradigma sobre o qual foi construído a engenharia genética: a ditadura do DNA, o fatalismo genético – uma suposta estabilidade dos genes e dos genomas – é uma abstração que não se sustenta diante da natureza que é, em si, holística. (OLIVEIRA, 1998)

Por que, então, embora o homem saiba disso, deseja clonar a si mesmo? Um esboço de resposta encontra-se em outra pergunta. Se a clonagem viesse – ou vier – a ser realizada com sucesso em humanos, o que ela estaria, afinal, replicando? Um real já existente, já dado, uma referência já conhecida. Nada de novo, portanto. Sua possível realização ou o simples desejo de realizá-la a qualquer custo significa, nas entrelinhas, uma ameaça à diversidade que caracteriza o real, à possibilidade do novo. E se a ética é, como afirma Carneiro Leão (1999), precisamente a possibilidade do novo, técnicas como a clonagem são - mais do que um alardeado marco de uma nova e revolucionária era da genética - uma espécie de termômetro de nosso grau ético, do estado febril de um homem em delírio absoluto de auto-referência. Uma auto-referência da aparência, da forma, do corpo. O desejo latente que aparece por trás da possibilidade (ou já será uma realidade?) de experiências como a clonagem humana parece ser precisamente este: o domínio absoluto do corpo - uma espécie, ainda que ilusória, de imortalidade. A clonagem seria a standardização definitiva do ser humano, representaria o progresso máximo de uma espécie capaz de reproduzir a si própria sem depender para isso das

leis naturais e do relacionamento entre os homens. Uma espécie capaz de controlar a diversidade genética e, portanto, a multiplicidade constitutiva, o acaso.

Este desejo de auto-referência, porém, não se expressa apenas em experiências como a clonagem do corpo. Num mundo como o que vivemos, organizado pela cientificidade, em que vida e tecnologia estão extremamente imbricadas, outros fenômenos e realizações contemporâneas como a virtualização das relações, a midiaticização da cena social e a tecnologização da existência, apenas para citar algumas das manifestações mais evidentes da atualidade, também funcionam como uma espécie de raio X da realidade. Colocá-los em pauta é da maior emergência e significado social, pois representam um certo tipo de relação característica dos dias atuais, já que neles transparece o modo como o indivíduo está se relacionando não só com sua singularidade, mas também com um universal concreto representado pela cultura. Mais que isso, são expressões de uma nova subjetividade e podem nos ajudar a compreender tanto o estatuto do sujeito humano diante formas de representação e de apresentação da ciência e da tecnologia, quanto a desvendar as formas de subjetivação típicas da sociedade contemporânea, inclusive a maneira de lidar com o corpo. E são demonstrações da obsessão humana em dominar, sob todos os aspectos, a existência, em programar a totalidade da vida.

Logo de início, é possível perceber que é a mesma a lógica que rege estas diversas realizações humanas contemporâneas. Da mesma forma que a pretensão do virtual de hoje, por exemplo, é ser um substitutivo

do real, é replicar – ou seria melhor dizer clonar? - a realidade primeira, também a clonagem pretende replicar o homem e substituir não só seu corpo envelhecido, doente ou morto, mas também suas próprias relações. A clonagem, afinal, se utilizada para fins de reprodução, poderia fazer o ser humano prescindir da relação corpórea com o outro para se perpetuar. E está estabelecida uma inevitável analogia: expressões da caminhada da tecnologia e da ciência, virtual e clonagem pretendem, cada qual a seu modo, a auto-referência. O virtual insinua que a possibilidade de representar não depende mais do mundo real: este poderia ser criado pelos cálculos matemáticos. A clonagem prega que a reprodução do homem já não depende mais das leis naturais e das relações reais: este poderia ser criado a partir de manipulações genéticas de células de si mesmo.

Não é difícil entender as origens deste **pensamento**. Parte constituinte do real, o homem sempre esteve à sua mercê – nunca pôde controlar a vida e muito menos a morte. Tais incertezas, embora constitutivas, também fizeram com que surgisse um tipo de pensamento que correspondesse à vontade de apreender e dominar o real – para reproduzi-lo - e prever o futuro – para evitar os efeitos indesejáveis. O ideal do homem de ser a causa de si mesmo - num nível de onipotência e de pretensão absolutas - e a aspiração de dominação, de controle e de poder sobre a própria vida logo passaram a comandar as conquistas científicas. A retórica das novas invenções e descobertas da ciência e da tecnologia passou a versar sobre os mesmos temas: criar um homem que não sofre e não morre e um real que obedece ao comando humano.

Mas a radicalização destas pretensões do homem - que transforma o sujeito em objeto a ser objetivamente conhecido e manipulado – e de controle, domínio e reprodução do real enreda o homem em sua própria armadilha, o expõe à sua própria limitação. Os códigos genéticos manipulados pela clonagem e os modelos matemáticos combinados pelo virtual tecnológico nada mais são do que formas de apresentação do real. Todas as tentativas de criar a vida esbarram sempre e ainda numa única realidade: o homem não é capaz de criar a vida sem um modelo do qual extrair vitalidade nem é capaz de impedir que ela se vá. Consegue adiar a chegada da morte, pode manipular células capazes de gerar a vida, mas não domina nem uma nem outra. Da mesma forma, as tentativas de reproduzir o real esbarram também e sempre na mesma realidade: é no real que a vida se dá. Pode-se lançar mão do virtual, mas nele não se consegue viver. E o que isto demonstra? Que os limites da virtualização estão no próprio real e são de ordem vital, da vida humana biológica e social. O humano é, portanto, a única coisa que não se pode virtualizar, pois é condição do virtual (CARNEIRO LEÃO, 1999). E qualquer pretensão neste sentido se frustra, na medida em que o virtual não transcende às ordens, mas nelas se insere. A virtualização é, assim, resultado da vitalidade da vida e não o contrário; é uma ferramenta a serviço da vitalidade, mas não a substitui; depende da vitalidade, não pode prescindir dela.

O mesmo acontece com a clonagem: o artificial depende do natural, cabe dentro dele, mas não é capaz de gerar-se espontaneamente. O resultado da clonagem é, evidentemente, real. Criada artificialmente,

Dolly existiu, interagiu, procriou. Mas reproduziu um real já dado. Poderíamos dizer que ela era um ser híbrido. A questão fundamental talvez não seja dar nomes ou estabelecer fronteiras entre natural e **artificial, posto que a tecnologia e a ciência nos** oferecem a possibilidade de rompê-las a cada dia, mas sim o quanto esta vontade de dominar a existência e clonar o próprio corpo pode nos dizer de nós mesmos. Os limites entre natureza e cultura, sujeito e objeto, orgânico e inorgânico, vivo e não vivo, objeto técnico e objeto natural, verdade e simulação, técnica e tecnologia, artificial e natural, real e virtual são mesmo cada vez mais difíceis de precisar, mas isso não nos deve cegar para a irreduzibilidade da vitalidade da vida. Estabelecer tais limites não é tão relevante quanto questionar o fundamento desta nova ordem contemporânea, na qual a clonagem, evidentemente, se insere.

Esta constatação nos abre um novo horizonte de reflexão e nos coloca diante da real possibilidade de aprender a pensar de novo, a compreender o pensamento como instância vital de todas as potências, a repensar a relação de valores que estamos mobilizando e estabelecendo com nossa existência corpóreo-afetiva. A tentativa de controle do devir revela nosso medo do desconhecido, nosso desejo de controle e também nossa absoluta pretensão, mas é ineficaz, posto que a vida é transformação, movimento, complexidade, pluralidade - sempre. Mais uma vez, o desafio que a nós é colocado é reconhecer na diversidade do real a força de realização da vida, em toda sua originalidade criativa e em cuja dinâmica encontram-se novas possibilidades; é apostar na força de transformação por acolhimento das

diferenças, do outro, do novo, do desconhecido, do inesperado. Para isso, o homem precisa trazer novamente para o pensamento uma dimensão da vida artificial e supostamente excluída – o acaso, a novidade, a potência, a possibilidade (de ser e de não ser). Talvez nesta nova ordem que sustenta a contemporaneidade haja a possibilidade de uma experiência singular de habitação do humano – inclusive de habitação do próprio corpo humano -, de acolhimento de uma totalidade aberta e complexa, de existência de uma ética que não seja um conjunto de prescrições do comportamento, mas um aprendizado da nossa cultura sobre o que significa viver na dimensão do contemporâneo.

Considerações finais

Se hoje, no real, tudo parece possível, inclusive duplicar fisicamente o homem, a discussão passa a ser basicamente ética. Mas uma ética positiva e não negativa: não determinada por aquilo que se quer evitar, mas pelo que se quer promover. Um avanço considerável já aconteceria se, em lugar de nos perguntarmos por quê não de determinadas práticas científicas, nos perguntássemos por quê sim. Se nosso único limite for o risco ou o medo, correremos o perigo de continuar vivendo um tempo em que o futuro determina o presente, em que o novo, este sim, propriamente ético, se esvai (VAZ, 1997).

Eis outro desafio ético: permitir o novo, o inesperado, abrir-se ao acaso, que não é prévio nem a priori. O limite positivado é aquele que nos leva à questão ética propriamente dita, que reconhece a diversidade e a necessidade do novo e do outro e torna possíveis

a realização humana e a própria convivência. Afinal, no centro de toda e qualquer questão está o homem – seu corpo e seu afeto – e a possibilidade de (re)definir sua trajetória na humanidade. Quando se reconhece isso não como um defeito ou deficiência, mas como um valor, metade do caminho para uma outra compreensão ética já foi trilhado. E se a contemporaneidade se caracteriza pela falta, pelo vazio, pela ausência de referências, de paradigmas, também é o momento em que pode tomar corpo a chance de (re)construção de nossa própria trajetória, sem os ingênuos posicionamentos e visões unilaterais que costumam permear nossa condição histórica. Esta revolução interna é nosso maior desafio, mas é também nossa maior possibilidade.

Referências bibliográficas

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. 1º Semestre 1999, Aposentamentos de aulas.

MARTINS, André. Relações local-global nas redes transdisciplinares dos “híbridos” de natureza e cultura: globalização e singularidade. Rio de Janeiro. Artigo apresentado no V Seminário de Pesquisa em Comunicação e Sistemas de Pensamento, ECO/UFRJ, 1997.

OLIVEIRA, Fátima. O irresistível fascínio da clonagem. *O Tempo*. Opinião, p. 4, Belo Horizonte, 24 janeiro 1998.

SODRÉ, Muniz. Ética, política e psicanálise. In: KOSOVSKI, Ester (org.). *Ética na Comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

VAZ, Paulo. O corpo-propriedade. In: FAUSTO NETO, Antônio e PINTO, Milton. *Mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

*** Maristela Fittipaldi Vianna da Silva** é Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ com tese sobre ética e jornalismo científico. Jornalista e Professora Assistente da Universidade Veiga de Almeida.